Blažka Müller*
Universidade de Liubliana

DOI: 10.4312/linguistica.64.2.47-59

CC BY SA

PROLEPSE: O FUNCIONAMENTO REFERENCIAL E DISCURSIVO DE ALGUNS PARADIGMAS VERBAIS EM PORTUGUÊS EUROPEU

1 NOTA INTRODUTÓRIA

A partir da análise de oito sequências textuais do texto narrativo o Memorial do Convento (MdC) de José Saramago[1], é objetivo deste artigo descrever as caraterísticas do funcionamento referencial e discursivo de algumas formas e construções verbais do português europeu entendidas como marcas de prolepse. Assim, a ocorrência de formas de futuro simples do indicativo, do presente do indicativo, do futuro do conjuntivo e da construção *haver de* + *infinitivo*, nas sequências em análise, podem ser consideradas como desencadeadoras de novos valores, inerentes às particularidades textuais que as integram.

Ora, e no seguimento de Genette ([1972] 1995) e Miklič (2005, 2008), mas também de Markič (1997, 1998a, 1998b, 2012) e Adam & Lorda (1999), mostrar-se-á de que forma a prolepse é uma estratégia caracterizadora da narrativa, dando-se relevo às formas verbais quer enquanto responsáveis pela construção desse processo, quer como marcadoras das categorias de tempo e modalidade.

Em termos formais, este artigo organiza-se a partir secções: na primeira secção são discutidos alguns aspetos das propostas associadas aos conceitos de temporalidade e de anacronia dentro da narrativa, a partir, sobretudo, de Genette ([1972] 1995) e Miklič (2005, 2008); na segunda secção, dar-se-á relevância ao tempo do discurso ou de narração no MdC, visando-se constituir um marco relevante para a operacionalização de uma análise de papéis discursivos das formas e construções do futuro neste texto; na terceira e última secção, apresentar-se-á a análise de oito sequências textuais que através das formas do futuro evidenciam a construção linguística da anacronia associada à prolepse.

2 A ANACRONIA DENTRO DA NARRATIVA

Como se sabe, um dos autores mais influentes que defendem o estatuto independente da temporalidade da narrativa é Gerard Genette. Ao considerar três aspetos da realidade

* blazka.muller@ff.uni-lj.si

1 É importante ser sublinhado que, em nenhum momento, é a minha intenção empreender uma análise literária do discurso narrativo na obra que serve como fonte para as sequências analisadas.

narrativa[2], Genette (Genette [1972] 1995: 31- 84) centra a sua proposta articulação temporal, e já não na lógica da narrativa:

> Estudar a ordem temporal de uma narrativa é confontar a ordem de disposição dos acontecimentos ou segmentos temporais no discurso narrativo com a ordem de sucessão desses mesmos acontecimentos ou segmentos temporais na história, na medida em que é indicada explicitamente pela própria narrativa ou pode ser inferida deste ou aquele indício indirecto. (Genette [1972] 1995: 33)

A ordem cronológica das ações na sequência narrativa pode corresponder à linearidade do texto, ou, seguindo Genette ([1972] 1995: 32), »[...] *com a famosa linearidade do significante linguístico*«. Porém, na maioria das vezes, nas narrativas, a ordem cronológica fica deformada.

Por sua vez, as modalidades básicas (ou prototípicas) da desordem ou »[...] *diferentes formas de discordância entre a ordem da história e a da narrativa*« (Genette [1972] 1975: 34) foram denominadas, por este autor, anacronias[3]. Assim, como preconiza Genette (ibid.), o termo anacronia refere-se à

> [...] ordem de disposição dos acontecimentos ou segmentos temporais no discurso narrativo com a ordem de sucessão desses mesmos acontecimentos ou segmentos temporais na história, na medida em que é indicada explicitamente pela própria narrativa ou pode ser inferida deste ou aquele indício indireto. (Genette 1975: 33)

A anacronia é, deste modo, definida como todo tipo de alteração da ordem dos eventos da história, referindo-se às ruturas na cronologia duma história. Em termos gerais, gera-se uma incidência sobre a ordem temporal de uma narrativa, ou seja, confrontam-se os acontecimentos temporais no discurso narrativo com a ordem de sucessão desses mesmos acontecimentos temporais na história.

Os dois procedimentos opostos da distorção temporal interpretado como *anacronia*, tal como foi entendida por Genette ([1972] 1995), são a prolepse (ou antecipação) e analepse (ou retrospeção ou retrocesso). Deste modo, para Genette prolepse é um mecanismo narrativo que consiste em contar ou evocar de antemão um acontecimento ulterior; analepse é, por seu lado, toda a evocação subsequente de um acontecimento

---

2 Salientando a delimitação de conceitos que fazem parte da perspectiva de Genette, é relevante referir que este autor propõe diferenciar a *'historia'* como *significado* ou *conteúdo narrativo*, '*narrativa'* propriamente dita como *significante* ou *enunciado*, *discurso* ou *texto narrativo* em si, e '*narração'* como *ato narrativo produtor* e, por extensão, »*o conjunto da situação real ou fictícia na qual toma lugar*« (Genette [1972] 1995: 25). *História*, *narrativa* e *narração* são, assim, níveis de consideração de um mesmo objeto a que Genette chama a *'realidade narrativa'*.

3 A localização dessas *anacronias narrativas* postula implicitamente a existência de uma espécie de *grau zero*, que seria um estado de perfeita *coincidência temporal* entre a narrativa e a historia. Porém, nas palavras de Genette, »[...] *tal estado de referência é mais hipotético que real*« (Genette ([1972] 1995: 34).

anterior a um determinado ponto da história da narrativa. Ou seja: analepse é o movimento de antecipação de eventos cuja ocorrência, na história é posterior ao presente da ação. Este movimento é realizado através do discurso. É importante referir que Genette ([1972] 1995: 65) afirma que a prolepse temporal é manifestamente menos frequente do que a figura inversa, a analepse.

Como se deduz da obra de Genette ([1972] 1995) e também já de Weinrich (1964) e do mesmo modo das hipóteses propostas por alguns dos seus sucessores (*cf.* Reyes (1984), Adam & Lorda (1999)), a narrativa pode, assim, ser definida como uma sequência duas vezes temporal: por um lado há o tempo da coisa-contada, o significado, e, por outro, o tempo da narrativa, o significante. É esta dualidade que possibilita as distorções temporais[4] que podem ocorrer num texto.

Ao descrever as anacronias sob o ponto de vista da semântica, Genette ([1972] 1995), fá-lo sem se preocupar com os mecanismos de realização linguística que marcam as diferentes 'ordens' temporais, ou seja, a ordem da história e a ordem da narrativa.

Miklič define a prolepse enquanto estratégia narrativa, em línguas diferentes como as línguas românicas (sobretudo em italiano e espanhol), mas também em esloveno e alemão (Miklič 2008a, 2008b, 2012, e.o.). A denominação desta possibilidade expressiva do repertório retórico é, de acordo com esta autora, também flash forward (FF) (Miklič 2005: 240, 2012: 107, e.o.).

Miklič (2008b: 298) delimita o caso prototípico do conceito do FF como a situação quando o narrador, a certo ponto da história 'central' interrompe a narração e informa sobre um facto vindouro mais a frente no tempo e fora do foco narrativo para recomeçar depois a narração. O narrador, de acordo com esta autora, para advertir o leitor desta oposição (foco vs. periferia narrativa), escolhe uma forma verbal que marca os conteúdos semânticos modais e/ou temporais. Estas marcas linguísticas são, como preconiza Miklič (2008b: 298), o condicional (simples ou composto), o futuro e as perífrases verbais prospetivas (*cf.* Markič (1997), (1998a), (1998b), (2012) e em Kalenić Ramšak, Markič, Pihler, e Šabec (2013)).

As caraterísticas do FF prototípico na vertente semântica são, de acordo com Miklič (2008b: 299), três. Em primeiro lugar, a ação realizada no passado. Depois, a oposição entre as ações que pertencem ao foco narrativo e às ações periféricas, temporalmente posteriores à história 'central'. A terceira caraterística do FF prototípico, como aponta Miklič (ibid.), é a importância secundária de ações marcadas como posteriores. Na superfície linguística, no caso do FF prototípico, segundo a autora (ibid.), é notável a presença de um adjunto adverbial temporal. Também é notável uma eventual marca sintática (e. g. uma construção relativa) e, na leitura, flexão da voz (Miklič, 2005: 243). Evidencia-se, assim mesmo, a marcação de ações posteriores com recursos verbais não pretéritos. O FF prototípico, descrito como tal na sua vertente semântica e na superfície linguística, é, de acordo com Miklič, o FF *marcado* (2008b: 299).

4 Quanto à desordem cronológica, os teóricos Adam e Lorda (1999: 134) sublinham que esta distorção temporal tampouco é exclusiva das narrativas literárias. Produz-se, segundo estes autores, também nos discursos quotidianos, para produzir um efeito de surpresa e despertar o interesse no interlocutor.

Quanto à marcação de ações posteriores a certo ponto da história 'central', Miklič (ibid.) verifica que o paradigma verbal futuro é utilizado em funções que diferem entre si. Assim, segundo esta autra, o paradigma verbal futuro ocorre, nas diferentes línguas, no primeiro lugar, para marcar as mais variadas ações, contudo, somente previstas, possíveis no futuro do autor ou no futuro do protagonista. Neste último caso, no futuro da personagem principal (protagonista), os paradigmas do futuro seriam utilizados no discurso indireto (neste caso, numa oração subordinada) ou discurso indireto livre (neste caso, não há oração subordinada, sendo este tipo de discurso o meio expressivo de inserir na diegese[5] os discursos das personagens). Também ocorre para marcar, a partir do ponto do vista do narrador, as ações passadas concretizadas fora da história central. Para a autora, o paradigma verbal futuro ocorre,-assim, no discurso indireto aparente. Usa-se também para marcar as ações passadas concretizadas, quando o narrador utiliza a estratégia do 'discurso indireto aparente'. Trata-se da oração subordinada, introduzida com a negação da existência duma atividade mental (*não saber, não pressentir,* etc.).

Assim, para sintetizar as propostas de Miklič (2005, 2008a, 2008b, 2012) para marcar a estratégia narrativa '*lo sguardo in avanti*', as línguas românicas empregam os meios linguísticos como são o futuro, o condicional, o futuro histórico e o presente histórico, os pretéritos e as perífrases românicas com os verbos de obrigação e os equivalentes e o verbo '*ir*' nas construções perifrásticas.

Esta estratégia pode ainda ser encontrada - na análise da língua espanhola, nas propostas de Markič (1997), (1998a), (1998b) que a identifica a partir do estudo dos valores temporais, aspetuais e modais marcados pelas perífrases verbais temporais nos textos narrativos, nomeadamente de Gabriel García Márquez (*cf.* e em Kalenić Ramšak, Markič, Pihler, e Šabec (2013)).

3 A PROLEPSE NO MEMORIAL DO CONVENTO: AS CARATERÍSTICAS DISCURSIVAS DA NARRATIVA EM TERMOS DA PROLEPSE

É comummente aceite que que o tempo do discurso é revelado através da forma como o narrador narra os acontecimentos. No MdC, é evidente que o autor da narrativa manipula o tempo no discurso narrativo através de uma série de procedimentos técnicos, ou seja, através de estratégias narrativas definidas a partir das relações entre o tempo e a história. Assim, no MdC, o narrador recorre a estratégias narrativas associadas a diferentes recursos como analepses e prolepses ou elipses, em que os resumos desenvolvem 'ações' em que os 'abrandamentos' e as 'acelerações' da narrativa fazem com o tempo não flua linearmente. Por essa razão, a cronologia não é seguida na ordem certa de ocorrências no tempo da história, mas sim na ordem escolhida pelo autor. Esta opção evidencia, enquanto forma de narrar as ocorrências, uma perspetiva distintiva de marcar o tempo da narração.

É, portanto, através das prolepses, que, no MdC, o narrador antecipa os acontecimentos futuros que refletem o seu afastamento temporal da intriga. Esta estratégia vai

5 A diegese corresponde, em sistema platónico, ao relato puro (ver Reyes 1984: 77). Na concepção de Genette ([1972] 1995), diegese é o universo fictício.

ser caracterizadora de vários episódios presentes na obra, podendo aqui serem destacados, entre outros, a narração do número de filhos bastardos do rei D. João V, a morte do sobrinho de Baltasar, a morte do infante D. Pedro, a morte da mãe de Baltasar, Marta Maria, a morte de Manuela Xavier e de Álvaro, o futuro de Bárbara (infanta recém-nascida, que não será nunca rainha de Portugal, mas que se casará com Fernando, um rei espanhol.), entre outros. Se se considera que o tempo da história, nesta obra, é, num tempo futuro, o tempo do momento do ato de escrever, parece que as prolepses servem para criar, por parte do narrador, uma visão globalizante de tempos distintos. São exemplo desta visão as alusões aos cravos que outrora estavam nas pontas das varas dos capelães e muito mais tarde serão símbolo da revolução de 25 de abril em Portugal. Um outro exemplo seriam a associação entre os possíveis voos da passarola e o facto de o ser humano, no século XX, ter ido à Lua, tal como há também referências ao tipo de diversões que se vivia no século XVII em contraste com o cinema (como diversão do século XX).

4 A ANÁLISE: A CONSTRUÇÃO LINGUÍSTICA DA ANACRONIA ASSOCIADA À PROLEPSE

Nesta secção, com o intuito de contribuir para a descrição das caraterísticas do funcionamento referencial e discursivo do futuro simples do indicativo, o presente do indicativo, o futuro do conjuntivo e a construção *haver de + infinitivo*, apresentar-se-á a análise de oito sequências textuais que através das formas do futuro, evidenciam a construção linguística da anacronia associada à prolepse, entendida como uma das estratégias narrativas.

4.1 A prolepse marcada pelo futuro simples e o presente do indicativo na obra o MdC

As sequências apresentadas a seguir evidenciam o recurso do narrador à estratégia narrativa prolepse marcada pelo futuro simples e o presente do indicativo:

(1) […] ai o destino das flores, um dia as *meterão* nos canos das espingardas, os meninos de coro, a basílica de Santa Maria Maior, que é sombreiro, e também a basílica patriarcal, ambas de gomos alternados, brancos e vermelhos, *se daqui a duzentos ou trezentos anos começam a chamar basílicas aos chapéus-de-chuva*, *Tenho* a minha basílica com uma vareta partida, *Esqueci-me* da minha basílica no autocarro*, Mandei* pôr um cabo novo na minha basílica, *Quando ficará pronta a minha basílica de Mafra*, *pensa* el-rei que vem aí atrás a segurar a uma vara do pálio, mas antes passou o cabido, primeiro os cónegos diáconos de dalmática branca, […] (MdC, 161)

(2) Cada qual tem sua contabilidade, seu razão e seu diário, escrituraram-se os mortos num lado da página, apuram-se os vivos do outro lado, também há modos diferentes de pagar e cobrar o imposto, com o dinheiro do sangue e o sangue do dinheiro, mas há quem prefira a oração, é o caso da rainha, devota parideira que veio ao mundo só para isso, ao todo *dará* seis filhos, mas de preces contam-se por milhões, […] (MdC, 115)

(3) O pavimento foi coberto de juncos e espadanas, e por cima estenderam-se panos verdes, já vem de muito longe, como se observa, este gosto português pelo verde e pelo encarnado, que, em vindo uma república, *dará* bandeira. (MdC, 139)

Nas sequências narrativas/descritivas (1), (2) e (3) ocorrem várias formas do futuro simples do indicativo.

Em (1), a forma do futuro simples em (i) e a forma do presente do indicativo em (ii), a forma que admite a interpretação prospectiva, referem, como marcas temporais, a construção de uma relação de posterioridade entre os acontecimentos marcados por elas e o ponto de referência que é, em ambos os casos, o tempo da enunciação narrativa:

(i) […] *ai o destino das flores, um dia as meterão nos canos das espingardas* […]
(ii) (ii) […] *se daqui a duzentos ou trezentos anos começam a chamar basílicas aos chapéus-de-chuva*, […]

Além do seu valor temporal de posterioridade, as formas verbais tanto em (i) como em (ii) revelam o seu funcionamento discursivo em termos da construção linguística da estratégia narrativa prolepse. Assim, (i) e (ii) são partes da sequência narrativa que permite ser interpretada, através das formas verbais que nela ocorrem. Verifica-se, em (i) e (ii), que os acontecimentos narrados pelas formas do futuro simples e do presente do indicativo, ou seja, *meterão flores nos canos das espingardas* e *começam a chamar basílicas aos chapéus-de-chuva* referem os acontecimentos já realizados ʊ a partir do ponto de vista do narrador extradiegético-heterodiegético. No entanto, a partir do ponto de de vista do tempo da história narrada, ou seja, do tempo da narrativa, são narrados os acontecimentos previstos para ser concretizados no futuro. Do conjunto das formas do futuro que ocorrem em (1), importa destacar também a forma do futuro *ficará pronta* em (iii):

(iii) *Quando ficará pronta a minha basílica de Mafra*, *pensa* el-rei […]

Esta forma *ficará pronta* em (iii) não ocorre como forma marcadora de prolepse. Ao integrar uma oração interrogativa do discurso indireto desencadeia simultaneamente um valor temporal de posterioridade e um valor modal de natureza epistémica que, neste caso, indica uma incerteza, uma dúvida da voz da personagem da narrativa. Note-se que (ainda em (1)), parece ser evidente que as formas do presente do indicativo *tenho* e do pretérito perfeito simples *esqueci-me*, *mandei* são formas que participam com os seus respetivos valores temporais no discurso indireto livre de várias vozes narrativas, marcando o jogo da polifonia da narrativa.

Em (2) e em (3), por sua vez, ocorrem as formas do futuro *ao todo dará seis filhos* e *dará bandeira* respetivamente. Em ambos os casos, as formas do futuro simples do indicativo marcam o valor temporal de posterioridade e, ao mesmo tempo, o valor

discursivo a partir da prolepse. Isto é feito ao referirem-se os acontecimentos linguísticos já realizados a partir do narrador e ainda não concretizados desde o ponto de vista do tempo da história narrada. Assim, tanto em (1) como em (2) e (3) é verificável que as formas do futuro analisadas ocorrem como marcadores da estratégia narrativa prolepse e como marcadores de uma temporalidade própria do texto narrado. Além disso, os três exemplos ajudam a perceber de que forma a prolepse se constitui como um instrumento interessante na análise da narrativa, sendo responsável pela mudança de perspetiva. Ou dito de outro modo: com a ativação deste percurso, passa-se da perspetiva do narrador para a perspetiva da personagem da narrativa.

4.2 A prolepse marcada pelo futuro do conjuntivo

As sequências que se seguem mostram de que forma o narrador ativa a prolepse, recorrendo, neste caso, ao futuro do conjuntivo:

(4) Ao outro dia, aí pelas onze horase, *bateu* à portaria do convento um estudante, *cujo convém dizer logo* que desde há tempos *andava pretendendo* o hábito da casa, *frequentando* com grande assiduidade os frades dela, *e esta informação se dá, primeiro, por ser verdadeira e sempre servir a verdade para alguma coisa*, e, *segundo, para auxiliar quem se dedique a decifrar actos cruzados, ou palavras cruzadas quando as houver*, enfim, *bateu* o estudante à portaria e *disse* que queria calar ao prelado. (MdC, 23)

(5) De manhã, ainda *não nascera* o sol, *levantaram-se*. Blimunda já *comeu* o pão. *Dobro*u a manta, *era* apenas uma mulher repetindo um gesto antigo, [...] *Quando o caseiro aqui entrar, verá a manta dobrada, como sinal de agradecimento, e sendo homem faceto perguntará* aos bois*, Digam-me* cá, *houve* missa esta noite, e eles *virarão* as cabeças mal armadas, sem surpresa, os homens sempre *têm* alguma coisa para dizer, e às vezes *acertam*, este foi o caso, que entre o amor dos que ali *dormiram* e a santa missa *não há* diferença nenhuma, ou, se a *houvesse*, a missa *perderia*. (MdC, 145)

(6) […] de el-rei *não falemos*, que sendo tão moço ainda *gosta de* brinquedos, por isso *protege* o padre, por isso *se diverte* tanto com as freiras nos mosteiros e as *vai emprenhando*, uma após outra, ou várias ao mesmo tempo, *que quando acabar a sua história se hão-de contar por dezenas os filhos assim arranjados*, coitada da rainha, […] (MdC, 95)

Nas sequências (4), (5) e (6), a narração não engloba ação principal, constituindo diferentes linhas de ação que se articulam dentro da ação principal através de uma sucessividade de encaixes.

Nas sequências (4), (5) e (6) ocorrem, entre outras, também as formas verbais do futuro nas orações temporais introduzidas pelo adverbial *quando*:

(i) *... palavras cruzadas quando as houver*

(ii) Quando *o caseiro aqui entrar, verá a manta dobrada, como sinal de agradecimento, e sendo homem faceto perguntará* aos bois*, Digam-me* cá, *houve* missa esta noite, e eles *virarão* as cabeças mal armadas

(iii) *... que quando acabar a sua história se hão-de contar por dezenas os filhos assim arranjados*

As formas *houver, entrar, acabar* no futuro do conjuntivo enquanto marcas temporais, constroem um valor associado a uma informação temporal de futuro. O tempo da oração temporal, introduzida pelo adjunto adverbial temporal *quando*, é posterior ao tempo da enunciação da narrativa, constituindo-se como ponto de referência neste exemplo. Por esta razão, a situação temporal marcada pelo verbo no futuro do conjuntivo corresponde à construção de uma relação de posterioridade entre ela e o ponto de referência que é o tempo da enunciação. Os futuros do conjuntivo que ocorrem nessas sequências coocorrem com as formas de futuro simples - *verá*, *perguntará, virarão,* ou composto - *hão-de contar* – núcleos verbais das orações principais. Estas formas garantem, assim, a informação temporal do futuro.

Em termos gerais, poderemos dizer que as formas do futuro em orações temporais, tal como as que ocorrem em (4), (5) e (6), além de marcarem o valor temporal do futuro, desempenham ainda um papel discursivo, contribuindo para a criação do tempo do discurso autônomo, valor este desencadeado pela estratégia de prolepse. Nestas sequências, pode observar-se as marcas de anacronia, através de uma alteração da ordem dos eventos da história, que funciona como uma rutura na cronologia da história do MdC. Se se considerar a ordem temporal da narrativa, verifica-se que, nas sequências em causa, a ordem da narrativa é confrontada com a rutura na disposição dos acontecimentos/segmentos temporais presentes no discurso narrativo e a ordem de sucessão desses mesmos acontecimentos/segmentos temporais no tempo da história narrada ou tempo da narrativa. Assim, as formas do futuro são marcadoras de acontecimentos passados e já realizados (do ponto de vista do narrador extradiegético-heterodiegético), no entanto, a partir do ponto de vista do tempo da história narrada, ou seja, do tempo da narrativa, são acontecimentos projetados (previstos), que serão apenas validados num tempo posterior ao da enunciação (futuro). Os acontecimentos narrados (i) *palavras cruzadas quando as houver*; (ii) Quando *[...] entrar, verá a manta dobrada, [...] perguntará* aos bois*, [...] e eles virarão* as cabeças *[...]*; (iii) *que quando acabar [...]se hão-de contar por dezenas os filhos [...]* são realizadas fora do foco narrativo, fora da ação principal da narrativa. Em (i), (ii) e (iii) e nos contornos destas sequências narrativas é de considerar a oposição, *foco* versus *periferia* narrativa.

4.3 A prolepse marcada pela construção *haver de + infinitivo*

As sequências que a seguir se apresentam evidenciam o recurso do narrador à estratégia narrativa prolepse marcada pela construção *haver de + infinitivo*.

(7) […] quando Adão e Eva foram criados, tanto sabia um como sabia outro, e quando os expulsaram do paraíso, não consta que tenham recebido do arcanjo uma lista de trabalhos de homem e trabalhos de mulher, a esta só foi dito, Parirás com dor, *mas até isso há-de acabar um dia*. (MdC, 238)

(8) Ao outro dia vieram a festejar a chegada, e a conhecer a nova parenta, Inês Antónia, irmã de Baltasar, e o marido, que afinal se chama Álvaro Diogo. Trouxeram os filhos, um de quatro anos, outro de dois, só o mais velho *vingará*, porque ao outro *hão-de levá-lo* as bexigas antes de passados três meses. (MdC, 109)

Em (7) e em (8), pode observar-se a ocorrência de prolepse, resultante da construção *haver de + infinitivo*, a forma que se aponta, em português, como uma das formas mais usada como substitutos do futuro do presente simples, ou seja, *haver de + infinitivo* funciona como uma alternativa ao uso temporal das formas de futuro em Português Europeu Contemporâneo. Em termos gerais, e seguindo de perto (Oliveira 2013: 526), poder-se-á dizer que esta perífrase veicula a ideia de futuridade sem que seja necessário recorrer-se nem aos adjuntos adverbiais nem a um contexto alargado, mecanismos necessários quando se usa o futuro sintético. À perífrase *haver de + infinitivo* alia-se, assim, a uma leitura temporal de futuro. É importante ainda referir que a esta perífrase podem estar associados valores intrinsecamente, designadamente na construção de valores deônticos de obrigação – exprimindo-se, neste caso, (e ainda segundo Oliveira & Mendes 2013:650) uma ordem atenuada ou uma sugestão. Se se considerar o tempo verbal em que ocorre esta construção, e seguindo as mesmas autoras, importa sublinhar que existe uma diferença entre o uso desta perífrase, em português, no presente e no imperfeito do indicativo. Assim, quando *haver de + infinitivo* está no presente do indicativo, pode haver uma leitura preferencialmente temporal, em detrimento de uma leitura modal[6]. Esta possibilidade ajuda-nos a compreender a sequência exemplificada em (7): *mas até isso há-de acabar um dia*, ou em (8): *hão-de levá-lo* . Em qualquer um dos casos, a prolepse desencadeia uma preferência sobre uma leitura temporal, sendo igualmente recuperado o valor modal que lhe é subjacente. Neste caso o valor deôntico constrói um forte matiz de certeza e de inevitabilidade sobre alguma coisa que vai acontecer.

5 CONCLUSÃO

Recorreu-se, na primeira secção do presente artigo, de modo não exaustivo, a alguns aspetos das propostas, teoricamente relevantes, e que estão associadas aos conceitos

6 No imperfeito do indicativo, inversamente, segundo Oliveira e Mendes (2013: 651) atenua-se a leitura temporal e sobressai a leitura deôntica. Assim, *haver* (*de*) marca o valor modal deôntico da situação, só que uma obrigação mais fraca, »[...] *menos como uma obrigação forte e mais como um conselho, uma sugestão ou uma ordem dada delicadamente, como em tu* havias de verificar se a janela veda bem« (ibid.).

de temporalidade e de anacronias dentro da narrativa. No momento seguinte, discutiram-se algumas linhas que caracterizam, discursivamente, o romance MdC, dando-se relevo a algumas sequências analisadas em que ocorrem as formas e construções que, em português, marcam a referência do futuro, nomeadamente o futuro simples do indicativo, o presente do indicativo, o futuro do conjuntivo e a construção *haver de + infinitivo*. A análise da definição dos papéis referenciais e discursivos desencadeados por estas formas e construções verbais constituiu o objeto de reflexão no ponto seguinte do trabalho. Apresentaram-se, assim, oito sequências textuais que através das formas do futuro evidenciam a construção linguística da estratégia narrativa prolepse.

Parece-nos lícito concluir que, com esta proposta de análise, foi mostrado que as formas do futuro em sequências analisadas, além de marcarem o valor temporal de posterioridade ou valores modais, necessariamente associados a estas formas, podem desempenhar um papel discursivo relevante para a criação dum tempo do discurso autónomo, enquanto marcador da estratégia narrativa de prolepse. Esta estratégia é evidenciada como o caso de anacronia, ou seja, como desencadeadora de uma alteração da ordem dos acontecimentos da história, isto é, de uma rutura na cronologia da história narrada.

Através da análise aqui apresentada pode verificar-se que as formas do futuro em questão podem marcar acontecimentos passados, vistos a partir da perspectiva do narrador extradiegético-heterodiegético. No entanto, se se considerar o ponto de vista do tempo da história narrada, ou seja, do tempo da narrativa, estes acontecimentos são interpretados como previstos, projetados no futuro, no tempo cronológico da sua realização. Em todas as sequências analisadas, os acontecimentos narrados marcados com as formas do futuro, são realizados fora do foco narrativo, ou seja, fora da ação principal da narrativa.

Neste trabalho pretendeu-se ainda mostrar que a prolepse, marcada pelas formas do futuro, caracteriza-se por ser uma das estratégias narrativas que permite a construção de uma outra perspetiva – a perspetiva do narrador – em detrimento da perspectiva veiculada pela personagem da narrativa. Em certo sentido – e através de recursos estilísticos e textuais como as advertências, os anúncios (de acontecimentos futuros), ou por outras palavras, as diferentes formas como são construídos os acontecimentos narrados, tornam relevante por que razão esta estratégia narrativa – prolepse – é intrínseca ao plano do narrador e não ao plano da personagem (herói) que integra as histórias. Todas as formas da prolepse, como se pode observar em todas as sequências analisadas, excedem sempre as capacidades do conhecimento do herói. Em certo sentido é sobre esta dialética que pode ser compreendido de uma forma menos linear a obra MdC que serviu de suporte e motivação a este trabalho.

Literatura

ADAM, Jean-Michel/Clara-Ubaldina LORDA (1999) *Lingüistica de los textos narrativos*. Barcelona: Ariel.

GENETTE, Gérard (1972) *Figures III.* Paris: Éditions du Seuil.

GENETTE, Gérard (1995) *Discurso da Narrativa*. Lisboa: Vega.

KALENIĆ RAMŠAK, Branka/Jasmina MARKIČ/Barbara PIHLER/Maja ŠABEC (2013) *Hispanistična razpotja: Rojas, Cervantes, Machado, García Márquez*, Ljubljana: Filozofska fakulteta.

MARKIČ, Jasmina (1997) *Aspektualne vrednosti v sodobni ameriški španščini v delih kolumbijskega pisatelja Gabriela Garcíe Márqueza.* [Tese de doutoramento.] Ljubljana: Filozofska fakulteta.

MARKIČ, Jasmina (1998a) «Perspectivas temporales y aspectuales en las obras narrativas de Gabriel García Márquez.» *Linguistica* 38/2, 131-148.

MARKIČ, Jasmina (1998b) «Los valores aspectuales en el español moderno de América en las obras del escritor colombiano Gabriel García Márquez.» *Verba Hispanica* 7, 47-88.

MARKIČ, Jasmina (2012) «Vloga glagolske perifraze haber de + nedoločnik v časovni strukturi romana Sto let samote.» *Ars & Humanitas* 6/2, 63-72.

MIKLIČ, Tjaša (2005) «Flash-forward in italiano: aspetti concettuali e moduli espressivi.» *Linguistica* XLV, 239-258.

MIKLIČ, Tjaša (2008a) «Raba prihodnjika za uresničena pretekla dejanja: retorični prijem ‚pogled naprej' v slovenščini in v nekaterih drugih jezikih.» *Jezik in slovstvo* 53/1, 49-66.

MIKLIČ, Tjaša (2008b) «Polisemia e sinonimia dei mezzi espressivi italiani usati in un espediente retorico largamente diffuso: l'indeterminatezza del flash forward.» Em: A. Mollica/R. Dolci/M. Pichiassi (eds),Linguistica e Glottodidattica: Studi in onore di Katerin Katerinov. Perugia: Guerra Edizioni, 297-309.

MIKLIČ, Tjaša (2012) «Alcuni moduli narrativi e l'uso dei paradigmi verbali in chiave contrastiva: riflessioni sulla necessità di includere la presentazione delle funzioni retoriche testuali nell'educazione linguistica materna e nell'insegnamento delle lingue straniere.» *Zbornik međunarodnoga znanstvenog skupa u spomen na prof. dr. Josipa Jerneja (1909 – 2005).* Zagreb: Filozofski fakultet, 101-107.

OLIVEIRA, Fátima (2013) *Tempo verbal*. Em: Raposo, Eduardo Buzaglo Paiva *et al.*: *Gramática do português.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 509-553.

OLIVEIRA, Fátima & MENDES, Amália (2013) *Modalidade*. Em: Raposo, Eduardo Buzaglo Paiva *et al.*: *Gramática do português.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 623-668.

REYES, Graciela (1984) *La polifonía textual*. *La citación en el relato literario*. Madrid: Gredos.

SARAMAGO, José ([1994] 2006) *Memorial do Convento*. Lisboa: Caminho.

WEINRICH, Harald (1964) *Tempus: besprochene und erzählte Welt*. Stuttgart: Klett.

Resumo

PROLEPSE: O FUNCIONAMENTO REFERENCIAL E DISCURSIVO DE ALGUNS PARADIGMAS VERBAIS EM PORTUGUÊS EUROPEU

Este trabalho visa analisar o funcionamento referencial e discursivo das formas de futuro do indicativo, presente do indicativo, futuro do conjuntivo e da construção perifrástica *haver de* + *infinitivo* no texto narrativo Memorial do Convento e procura confirmar a hipótese de que estas formas verbais, em português europeu, podem, para além das suas diversas funções referenciais, ou seja, temporais e modais, desempenhar alguns papéis discursivos que contribuem para a criação de um tempo discursivo autónomo, inclusive marcando a estratégia narrativa de prolepse, ou seja, o mecanismo narrativo que consiste em contar ou evocar de antemão um acontecimento ulterior. Ainda se queria mostrar, neste trabalho, que os acontecimentos narrados e marcados pelas formas do futuro, são realizados fora do foco narrativo, ou seja, fora da ação principal da narrativa. Assim, a análise confirma também a hipótese de que a prolepse, marcada pelo futuro do indicativo, presente do indicativo, futuro do conjuntivo e a perífrase verbal *haver de* + *infinitivo*, é uma estratégia narrativa que permite a construção de uma outra perspetiva – a perspetiva do narrador – em detrimento da perspetiva veiculada pela personagem da narrativa.

Palavras-chave: Português Europeu, prolepse, futuro do indicativo, presente do indicativo, futuro do conjuntivo, perífrase verbal *haver de* + *infinitivo*, funcionamento referencial e discursivo

Summary

'FLASH FORWARD': THE REFERENTIAL AND DISCURSIVE OPERATION OF CERTAIN VERBAL PARADIGMS IN EUROPEAN PORTUGUESE

This contribution analyses the referential and the discursive function of the future indicative, present indicative, future subjunctive and the periphrastic future construction *haver de* + infinitive in the narrative text *Memorial do Convento* (MdC) and seeks to confirm the hypothesis that these verbal forms in European Portuguese can, in addition to their various temporal and modal functions, have certain discursive roles that contribute to the creation of an autonomous discourse time of narration, including performing the narrative strategy of 'flash forward'. However, such a narrative and discourse function only presents the perspective of an omniscient third person narrator. It can thus further be argued that all such events expressed by the verbal forms in question are realized outside the focus of the narrative or outside of the lead story action. The analysis also confirms the hypothesis that the 'flash forward', marked by the *future indicative*, the *present indicative*, the *future subjunctive* and the verbal periphrasis *haver de* + *infinitive* is a narrative strategy that seems to

present another perspective in the narrative, that is the narrator's perspective as opposed to that of the protagonist of the story.

Keywords: European Portuguese, 'flash forward', future indicative, present indicative, future subjunctive, verbal periphrasis *haver de + infinitive*, reference and discursive functioning

Povzetek

PROLEPSA: REFERENČNO IN DISKURZIVNO DELOVANJE NEKATERIH GLAGOLSKIH PARADIGEM V EVROPSKI PORTUGALŠČINI

Analiza tako referenčnega kot diskurzivnega delovanja nekaterih glagolskih oblik in glagolskih struktur v evropski portugalščini v pripovednem besedilu Memorial do Convento (MdC) skuša potrditi uvodoma zastavljeno hipotezo, da nesestavljeni prihodnjik v indikativu, sedanjik v indikativu, prihodnjik v konjunktivu in glagolska perifraza *haver de + nedoločnik* lahko opravljajo, poleg označevanja časovne vrednosti prihodnosti/zadobnosti in modalne vrednosti možnosti ter nedejanskosti, določene diskurzivne vloge, s katerimi prispevajo k oblikovanju avtonomnega diskurzivnega časa pripovedi. Analiza pojavitev teh glagolski paradigem v osmih sekvencah MdC pokaže, da te lahko signalizirajo pripovedno strategijo prolepsa ali 'pogled naprej', ki se izkaže kot primer anahronije, z drugimi besedami, kot premena/zamenjava v redu dogodkov, ki si sledijo v zgodbi oz. kot prelom v kronologiji pripovedovane zgodbe. Pomembna je tudi ugotovitev, da so vsi jezikovni dogodki, označeni z prihodnostnimi glagolskimi paradigmami, uresničeni izven fokusa pripovedi oz. izven vodilne akcije pripovedi. Analiza sekvenc pokaže tudi, da je pojavitev analiziranih paradigem z diskurzivno vlogo označevanja prolepse znamenje, da se je pripoved usmerila v sedanjostno sfero pripovedovalca, torej v trenutek pripovedovanja.

Ključne besede: evropska portugalščina, prolepsa, nesestavljeni prihodnjik v indikativu, sedanjik v indikativu, prihodnjik v konjunktivu, *haver de* + nedoločnik, referencialno in diskurzivno delovanje